

“As péssimas ideias” de José Pacheco Pereira, publicadas no dia 20 de Setembro no *Público* (página 21), é um excelente título, com uma vantagem certa: a total concordância dele, título, com o conteúdo das palavras do autor – ideias péssimas, de facto.

Curiosamente, Pacheco Pereira mete num mesmo saco ideias afirmadas e debatidas ao longo destes dias pós-tragédia nos Estados Unidos, vindas aparentemente duma geral, por si indefinidamente chamada, “esquerda”. Delas apenas nomeia duas, completamente diversas na atitude e no tom, para em conjunto as criticar: as de Mário Soares e as de Maria de Lourdes Pintasilgo. (Sobretudo estas, porque mais “à esquerda”, depreende-se.) Esqueceu-se de mencionar, ou não lhe interessou, não se sabe porquê, as ideias claras, denunciadoras do estado das coisas no nosso Planeta político-económico-racial-social, expressas e também publicadas ou na *Visão* ou no *Público*, de pensadores como Eduardo Lourenço, Boaventura de Sousa Santos, Frei Bento Domingues, entre vários outros. Todos eles de acordo em duas coisas: o profundo lamento perante a tragédia acontecida, por um lado; e, por outro lado, a percepção de uma razão fundamental que, se nunca poderá justificar o acontecido, o explica de modo convincente.

Essa razão é precisamente aquela que escapa, ou antes, que é directamente negada por Pacheco Pereira.

Ao contrário do que aqui lemos, é com certeza a essencial desigualdade no mundo - com a pobreza, a injustiça, a má resolução de conflitos internacionais, regionais ou locais de toda a ordem - aquilo que poderá estar na raiz desta nova, terrível e temível, forma de agressão internacional.

Como é óbvio, não poderiam nunca ser os injustiçados (pobres absolutos, “humilhados” ou “ofendidos”) a produzir um qualquer protesto, nem deste nem de outro género: estes não morrem anónimamente e o que é mais grave - sem que alguém dê peso do 1º mundo levante a voz para protestar contra o que o Ocidente (e não apenas os EUA) deles tem feito: desfazendo-os de maneiras várias, todas elas tão ou mais terríveis que a do ataque a NY e a Washington.

Talvez alguém (ou “alguéns”) por eles fale e actue neste momento, conforme algumas vozes do Sudão e de outros países, que se saiba não implicados neste desastre, com clareza bastante o disseram já.

Também parece pouco provável que qualquer fundamentalismo religioso ensimesmado pudesse ter levado, só por si, a longamente preparar e produzir um ataque tão sofisticado como aquele a que assistimos a símbolos notórios da primeira potência mundial, com milhares de inocentes como vítimas. Isto sem qualquer reivindicação ou contrapartida procurada: só assim, gratuitamente. (Aliás, os excessos do Irão em tempos idos eram uma revolta já contra a civilização ocidental, mais do que uma investida islâmica, apesar de por ela enformada...)

O que parece haver aqui é sobretudo um sinal exterior, fortíssimo, que se torna signo de um mal-estar subterrâneo que a todos nos põe em questão.

Ideia péssima é esta que Pacheco Pereira formula, numa atitude de petulância surpreendente, sem aparentemente se deixar questionar, enquanto cidadão de um dos países ocidentais: *“A guerra que vem aí não é dos americanos”* – e melhor seria dizer norte-americanos, porque americanos



são os habitantes de todo o Continente da América! E esta nomenclatura é já por si denunciadora de um ponto de vista bem determinado, que toma a parte pelo todo... — *“é do nosso modo de vida, cultura e civilização, contra o intransigente ‘espírito de morte’ como instrumento político e os interesses que o manipulam.”*

Ora, o nosso “modo de vida”, a “nossa cultura” e a “nossa civilização” — e entendo por “nossa” a ocidental, neste momento da História da Humanidade não honram valores fundadores da Europa, sobretudo os do Cristianismo, cuja mundividência entende o mundo como uma comunidade fraterna e o Planeta como lugar de habitação para todos.

Deveríamos, pois, nós ocidentais — cidadãos e governantes — perguntarmos se a actuação dos EUA no mundo, tão à vista nesta administração Bush, poderá ser olhada, por quem quer que seja, como “democrática” ou como defensora da “liberdade”. De que liberdade? E liberdade de quem, afinal? E democracia (etimologicamente: exercício do poder do povo) por parte de quem?

Está à vista de todos a natureza das muitas intervenções militares norte-americanas (pense-se na viragem do feitiço contra o feiticeiro no próprio Afeganistão, como tão bem o lembrou há dias na RTP2 o jornalista Barata-Feyo,): sempre em benefício próprio, e no entanto sempre (também!) em nome de Deus, ou da civilização cristã — o que no caso parece ser o mesmo-, e em nome da ‘salvação’ do “resto do mundo”!

Ou pense-se ainda nas não-intervenções, planeadas e defendidas sob esta administração Bush, com a declaração de os EU não irem cumprir muitos dos Tratados Internacionais (quanto a meio ambiente, ecologia, cooperação para o desenvolvimento, etc.).

Será do mais elementar senso comum de não haverá aqui direita nem esquerda a dividir ninguém!) que este alerta terrorista sobre território norte-americano não tem como ser apoiado ou aceite. Nenhum fim justifica estes meios. Ponto assente.

No entanto, que ele foi e continuará sendo um sinal para o Ocidente não resta dúvida. Os países da NATO, e todo o chamado “Primeiro Mundo” tem só duas alternativas: ou aceitar repensar-se na percepção que têm do “resto do mundo” e nas suas estratégias políticas (económicas, sociais, raciais, etc.) ou deixar que o futuro possa revelar-se “menos glorioso” — com telhados de vidro, onde antes as armas anti-mísseis deixavam dormir tranquilamente, por exemplo; e mais perigoso — não só para os norte-americanos, mas seguramente para todos nós, “primeiro-mundistas” que do alto da nossa elogiada civilização *tech* não sabemos (ou não queremos), reflectir sobre, e assumir a nossa responsabilidade humana mais sagrada.

Lisboa, 20.09.01

Isabel Allegro de Magalhães

(Profª Universidade Nova de Lisboa)

